



Currículo digital em redes de aprendizagens

Cláudia Simone Almeida Oliveira
Maria do Rozário Gomes da Mota Silva
(Prefeitura do Recife - PR e UFPE)

Resumo

Este artigo analisa e discute sinais e indícios das possibilidades de vivências do currículo da cultura digital em redes de aprendizagens a partir de uma experiência de parceria Universidade Escola. O objetivo principal desta parceria foi a criação de uma rede de aprendizagens envolvendo estudantes, professores e pesquisadores da Educação Básica e de Universidades, tendo por pressuposto que todos os participantes da rede são pesquisadores. O aporte teórico utilizado trabalha com autores que discutem a constituição de redes a partir do currículo da cultura digital com apoio das tecnologias digitais (ACIOLI, 2007; DERRIDA, 1972; RECUERO, 2012; LÉVY, 1993, 2014; CASTELLS, 2013; SILVA, 2006 ; ARROYO, 2011; MOREIRA; TADEU, 2011; ALMEDA, 2011) a partir da participação dos estudantes de uma escola em Recife possibilitou a observação direta, através de uma pesquisa exploratória e análise das diversas posturas e produções dos estudantes, construção de conhecimento em rede, do local, a partir de uma escola do Recife, com o global, outras escolas do Brasil. Identificamos os primeiros resultados que apontam para uma intensa participação dos sujeitos, revelando protagonismos diversos, além de uma mudança significativa na vida escolar e na motivação para estudos posteriores. É possível também observar o surgimento de “novas funções” entre os estudantes quando se trata do trabalho colaborativo, com diversos níveis de interatividade.

Palavras-chave: Currículo, redes de aprendizagens e cultura digital.

Introdução

Falar de tecnologias digitais é refletir sobre cultura e relações sociais, transformações permanentes nos diversos setores da sociedade, artefatos e cultura digital, pensamento plural que nos permite discutir aprendizagens em rede que ocorrem impulsionadas por movimentos, conexões, interações e colaboração. Novos contextos e novas formas de relacionamento social aparecem no cenário educacional, fruto em parte das experimentações possibilitadas por esse mundo digital. Também



deste modo, o campo da educação vem sendo modificado por essa nova realidade, que implica, dentre outras questões, os novos universos curriculares.

Essas novas formas de interação através de ambientes, sistemas e plataformas, que possibilitam outras maneiras de pensar e agir já estão no cotidiano das pessoas e o uso das tecnologias digitais ampliaram as possibilidades de comunicação no processo de ensino e aprendizagem, criando um cenário de inovações e suscitando o debate sobre currículo da cultura digital. Diante da complexidade do tema, consideramos importante a idéia de **atos de currículo** (MACEDO, 2011) que não limita currículo a uma mera matriz curricular, mas que implica de maneira processualista todos os sujeitos do contexto educacional, como atores curriculares. A utilização das redes provoca proximidades significativas na aprendizagem dos estudantes, pois nas redes se estabelecem processos de aprendizagens, que introduzem mudanças expressivas e inovam tanto os processos de ensino e aprendizagem como currículo. Hoje é possível se aprender de vários lugares, ao mesmo tempo, online e off-line, juntos e/ou separados, mas em termos de redes de aprendizagens, a escola busca as relações entre o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano, buscando compreender melhor como se aprende em redes levando em consideração as questões curriculares .

Entretanto percebemos que a educação não tem acompanhado suficientemente as necessidades dessa sociedade da cultura digital ou sociedade em rede. As escolas geralmente não levam em consideração as demandas dos estudantes quanto às suas formas e estilos de aprender no mundo contemporâneo. O estudante do século XXI não é mais um ser passivo, eles tem uma nova prática social, mais autônoma, tecendo conexões *em meio às suas redes de viver* (SOARES; ALVES, 2012p.39). Com a internet, em poucos minutos ele tem acesso a uma gama de informações, conceitos e conteúdos. Os estudantes, dentro ou fora da escola, participam ativamente de diferentes redes com uso das tecnologias digitais – TD e se bem orientados, passam a ser colaboradores do seu próprio processo de



aprendizagem. O grande desafio é fazer da escola um ambiente pedagógico baseado na investigação integrando as tecnologias digitais ao currículo, vivenciando a “Web currículo: integração de mídias nas escola com base na investigação de fatos científicos para o fazer científico” (ALMEIDA;VALENTE,2012, p.).

Os estudantes querem e precisam criar e se expressar, editar e partilhar, em qualquer lugar e rapidamente. Para isso as pessoas e instituições, precisam estar abertas e interconectadas a esse mundo, onde o uso das tecnologias digitais pode alterar a maneira como se aprende, os lugares onde se aprende e o que se precisa aprender. Um mundo onde as aprendizagens ocorrem em tempos e espaços diferentes, mas que na escola essa dimensão do investigar passa a enfatizar as características mais específicas da pesquisa científica e das temáticas dos projetos que as escola desenvolve, uma relação direta com o currículo escolar e com as diferentes ações e tarefas, sobre aprender a aprender(VALENTE,2008).

As redes sociais digitais se caracterizam como um espaço fértil para a aprendizagem colaborativa. A partir de uma mediação mais inovadora, os sujeitos podem buscar nas redes informações e conteúdos para construção coletiva de novos saberes, de maneira participativa, construindo o desejo de compartilhar para aprender e conviver em rede, com as aproximações e distanciamentos que permitem um currículo para a diversidade.

A possibilidade da formação de uma rede entre escolas de diferentes cidades e universidades, voltada para a pesquisa científica, se apresenta de imediato como um desafio, pois parte do princípio que é na constituição da rede que se dará a produção do conhecimento. Assim, considera que a produção do conhecimento não está refém de um único pesquisador ou centro de pesquisa especializado. Ao contrário, o envolvimento de estudantes e professores e sua participação ativa nos objetivos da pesquisa dão o suporte necessário para tal produção de conhecimento, ou seja, a



constituição da rede de aprendizagem se revela como contexto propício e também fator dinamizador para que a pesquisa aconteça de forma integrada ao currículo.

Este artigo debate e analisa aspectos da constituição de uma rede de aprendizagem formada por pesquisadores da Educação Básica e da Universidade, tendo como uma das características centrais o currículo na web e a formação da rede onde todos - estudantes e professores - são pesquisadores. O objeto de análise, em particular deste artigo, são os sinais e indícios que os estudantes revelaram durante o processo de pesquisa.

O problema de pesquisa, então, é saber como se constitui esta rede de pesquisadores e se é possível vivenciar o currículo digital em redes de aprendizagens? Para este artigo em especial, buscamos analisar os sinais e indícios revelados pelos estudantes e professores ao longo do processo de constituição da rede interagindo com o currículo da cultura digital e vivenciando múltiplas aprendizagens.

1. Tema

Esta pesquisa é fruto do diálogo oportuno entre currículo e práticas da aprendizagem em rede, nos cenários emergentes da educação na sociedade digital. Traz como tema central o currículo digital, como proposição para inovação e dinamização da utilização das Tecnologias digitais na perspectiva da inovação em educação a partir da constituição de uma rede de pesquisa colaborativa aproximando a Universidade da Escola. Discutimos ao longo do trabalho interações e construção de narrativas digitais possíveis, regatando as aprendizagens dos estudantes que refletem permanentemente sobre seus processos de aprendizagem, assim como os professores que podem fazer novas orientações, avaliar, reformular seus planejamentos para melhor mediar a produção do conhecimento científico em rede incentivando a autoria. Segundo Dias (2008) estamos falando de articulação dos contextos e



experiências autênticas, através de narrativas curriculares singulares. Entendendo currículo como uma construção social e considerando as tecnologias digitais não apenas como ferramentas, mas reconhecendo as tecnologias digitais como algo imbricado no desenvolvimento do currículo, todos os sujeitos (professores e estudantes) são nesse contexto, investigadores e co-autores vivenciando a curiosidade epistemológica.

2. Objetivos

Nosso objetivo geral é analisar aspectos da constituição de um currículo digital a partir de uma rede de aprendizagem formada por pesquisadores da Educação Básica e da Universidade, tendo como uma das características centrais a formação de uma rede onde todos - estudantes e professores - são pesquisadores. O objeto de análise, em particular deste artigo, são os sinais e indícios que os sujeitos revelaram durante o processo de pesquisa.

3. Pressupostos Teóricos

4.1 Redes e Cultura Digital

Historicamente, o campo das redes estaria nas ciências sociais, isso se considerarmos rede como um conjunto de relações sociais entre pessoas. Redes sociais seriam, então, grupos de pessoas de uma sociedade unidos por um sistema de relações ou obrigações.

Existem vários tipos de redes, umas mais estáticas, outras mais dinâmicas, inclusive as redes abertas, que admitem mais possibilidades de participação e comunicação, nos ambientes virtuais, por exemplo.



Mesmo tendo diversos sentidos, podemos dizer que em todas as abordagens encontramos as principais características das redes: relações, interações e conexões que geram trocas, e esses elementos estão presentes nos mais diversos campos do conhecimento: comunicação, economia, saúde, educação e tantas outras.

A grande metáfora da rede seria a de indivíduos em sociedade, ligados por laços sociais, os quais podem ser reforçados ou entrarem em conflito entre si (ACIOLI, 2007, p. 03). Nesta noção, está presente a ideia de informação articulada por esse conjunto de relações.

A sociologia contemporânea chama atenção ao valor do contexto e das práticas sociais; alerta para o não privilégio de uma única concepção formal e instrumental de rede, que suprime muitos contextos da dimensão sócio histórica. Ou seja, busca-se religar o debate sobre redes com a práxis sócio-histórica, um esforço de desconstrução que relativize os saberes colonizadores e desloque os saberes liderados para novas construções (DERRIDA, 1972).

Alguns autores reconhecem nas redes o potencial de “formação, valores e perspectivas de transformação social” (CASTELLS, 2013, p. 9). Ao utilizá-las como espaços de poder e contrapoder, podemos discutir de maneira reflexiva mecanismos de manipulação simbólica e mesmo nas contradições, construir relações mais horizontais

ao expressarmos livremente as reivindicações e ações para um mundo mais justo e solidário. Essa abordagem é também um olhar para a cidadania, para os movimentos sociais na sociedade de redes, possibilitando aos sujeitos expressarem seus valores na diversidade e na disputa de ideias reivindicando seus direitos a partir de suas experiências e aprendizagens.

O processo de transformação tecnológica estende-se cada vez mais também em função de sua capacidade de criar interconexões entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital. O desafio de uma pedagogia da participação com



mais mediação colaborativa em redes de aprendizagem encara as redes com seu potencial de uso social e tecnológico.

Recuero (2012) afirma que, mais do que uma ferramenta, as redes são espaços conversacionais, com seus usos sociais, por isso é fundamental entender a cultura em seu contexto, fundamental para a interação. Na era da grande mobilidade dos artefatos tecnológicos, a mobilidade do conhecimento é a maior riqueza para as redes de aprendizagens colaborativas.

Na educação, as novas concepções de currículo que consideram a cultura digital enfatizam essa possibilidade de aprender mais com tecnologia, haja vista que os estudantes já as utilizam naturalmente no seu cotidiano. O que necessitamos é repensar o papel da escola conectada a outras escolas e à própria Universidade, na sociedade de rede.

Para Kenski (2007, p.64), “a escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações dos conhecimentos em todas as áreas”. Neste sentido, cabe à escola, garantir aos estudantes a formação e a aquisição de novas habilidades, atitudes e valores, para que possam viver e conviver em uma sociedade em permanente processo de transformação.

Na perspectiva da inteligência coletiva, Lévy (1993) propõe a exploração desse poderoso canal de comunicação das redes para ampliar os processos cognitivos; estudos apontam para uma “esfera semântica como um protocolo intelectual para reproduzir possibilidades de diálogo interpretativo em torno de uma memória digital comum” (LÉVY, 2014, p. 2). Uma web inteligente pode ser desenvolvida na busca dos conteúdos online mais organizados no poder das palavras e no comportamento das pessoas nas redes. Dessa forma, a escola não pode mais ser concebida como o único espaço promotor das aprendizagens, ela precisa estar aberta e interligada a esse



mundo interconectado. A sala de aula ganha uma nova dimensão ubíqua, em que o uso das tecnologias pode alterar a maneira como aprendemos, onde aprendemos e o que precisamos aprender, abrindo novos canais para fluxos de aprendizagens.

Nesse sentido, surge o desafio de pensar e construir uma rede de aprendizagem que envolva escolas, universidades e núcleos de pesquisas, favorecendo as conexões e interconexões, abrindo possibilidades de novas sociabilidades que rompam com as hierarquizações do conhecimento, e coloque professores e estudantes como pesquisadores em ação. No cenário educacional, necessitamos de “educadores que atuem em ambientes de aprendizagens que promovam construção do conhecimento e um currículo desenvolvido para a era digital” (VALENTE, 2013, p. 36). Os estudantes e suas descobertas ao vivenciarem as redes de aprendizagens também são sujeitos determinantes indicando os indícios de um trabalho inovador nas redes colaborativas.

4.2 Currículo da cultura digital na perspectiva das redes de aprendizagens

No modelo de educação tradicional, a escola desenvolve seu currículo aprisionado a uma estrutura localizada e temporalizada, não corresponde às demandas da chamada sociedade da informação, ou sociedade em rede, na qual é possível se aprender de vários lugares, ao mesmo tempo, online e off-line, juntos e/ou separados. A possibilidade instantânea de qualquer pessoa informar e estar informada pelos desenvolvimentos da rede é que faz a diferença na construção das aprendizagens.

Nos cenários atuais de inovações educacionais, o currículo é um elemento fundamental para a compreensão de limites e possibilidades, um espaço de disputas, de legados e identidades. (ARRROYO,2011). Por esse motivo é necessário refletir sobre o currículo para além de procedimentos e técnicas e questionar: que tipo de educação e sociedade vivemos e queremos?



As teorias mais tradicionais sobre currículo buscaram neutralidade, mas as teorias críticas e pós críticas do currículo apostaram na discussão sobre as relações de poder, hierarquizações de saberes e poderes, avançando e incluindo cada vez mais os estudos culturais. Dessa forma, as redes discutem dentre outros temas, gênero, raça, meio ambiente e sexualidade (MOREIRA; TADEU, 2011) que são temas relevantes para uma educação emancipatória e fazem parte desse currículo digital.

As novas tecnologias ilustram transformações na esfera da produção do conhecimento, no seu conteúdo e forma, considerando que “Não incorporar uma compreensão dessas transformações à nossa teorização curricular crítica significará entregar a direção de sua incorporação à educação e ao currículo nas mãos de forças que as utilizarão fundamental mente para seus objetivos mercadológicos” (MOREIRA; TADEU, 2011, p.42).

Dessa maneira podemos entender que o currículo pode ser um campo de contestação que recrie relações de poder, em especial de lutas dos grupos que estão submetidos a situações arbitrárias cujos sujeitos são subalternizados por vontade dos grupos hegemônicos da sociedade.

Questionamos então, qual o papel da tecnologia ao se compreender o currículo como construção social? Para Sacristán (2000, p.14) currículo é “um modo de organizar uma série de práticas educativas”. Impulsionada pela integração das tecnologias nessas práticas, Almeida e Valente (2010) apontam para o desenvolvimento de uma concepção de currículo na cultura digital chamada web currículo. Além de possibilitar aos estudantes aprenderem de acordo com seus interesses, “as tecnologias passam a ser ferramentas cognitivas, elas precisam estar integradas e, de certa forma, fazer parte das atividades curriculares que os alunos realizam” (VALENTE, 2013).

De acordo com Almeida (2013) podemos entender o currículo também como um conjunto de formas de apresentação, interpretação e produção de vida inteligente. A autora considera a web, uma subcategoria de tecnologia que faz parte intrínseca do



currículo numa rede complexa de conteúdos e significados, mas o currículo não se limita à internet. A escola nesta contextualização reconhece o potencial das redes que oferecem os bens culturais e outros espaços de lutas sociais e criação de identidades.

3. Metodologia

O presente trabalho abrange uma pesquisa, de corte qualitativo, com foco central no currículo da cultura digital como proposta para dinamização dos novos cenários de inovação em de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, principais sujeitos da pesquisa, que utilizam as redes sociais no desenvolvimento de projetos pedagógicos com uso das tecnologias digitais.

A análise que realizaremos no nosso estudo se insere no debate sobre as novas formas de aprendizagens em redes. Partimos da problematização sobre como os estudantes aprendem nas redes, com uso das tecnologias digitais e quais as relações entre os estilos de aprendizagem dos estudantes no ensino presencial com os estilos de aprendizagens no contexto das redes digitais.

Trata-se de uma pesquisa exploratória que envolve a ação participante, através da imersão no contexto das redes digitais, onde pretendemos nos aproximar do universo investigado, para obtermos informações sobre os diferentes estilos de aprendizagem dos estudantes com o uso das tecnologias digitais.

Nossos sujeitos serão estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, da Secretaria de educação do Recife, que estejam participando de projetos pedagógicos com uso das TD e utilizando as redes sociais como ferramentas de interação entre os participantes dos projetos. Pretendemos identificar seis escolas da Rede Municipal de Ensino do Recife (RMER), uma em cada Região Político Administrativa (RPA), onde estejam sendo desenvolvidos projetos pedagógicos (didáticos ou no âmbito da RMER), em que estejam sendo utilizadas as redes sociais digitais.



Sabemos que, metodologicamente falando, as redes digitais formam um campo de pesquisa muito difícil de circunscrever. Mas, através dessa imersão, tentaremos captar uma maior variedade de situações ou fenômenos que complementam os dados obtidos por meio dos outros instrumentos de coleta de dados, utilizados na pesquisa: testes; enquetes; questionários e entrevistas.

A análise das redes sociais é um elemento adicional na compreensão dos modelos de aprendizagem na era digital. Dentro de uma rede social, hubs (pontos comuns de conexão de dispositivos) são pessoas bem conectadas que são capazes de estimular e manter o fluxo do conhecimento. (SIEMENS, 2010)

Para Recuero (2009), a força da abordagem de redes sociais necessita da construção empírica (qualitativa e quantitativa) que busca, a partir da observação sistemática dos fenômenos, verificar padrões e teorizar sobre os mesmos. Assim, estudar redes sociais, significa estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. É explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais.

Nossa pesquisa será baseada no método etnográfico, caracterizado sob os pressupostos teóricos da etnografia virtual, como propõe Hine (2004). Esta metodologia desenvolve-se a partir de uma compreensão profunda do social, através da participação e da observação. Através desta metodologia, procuraremos compreender as inter-relações entre as tecnologias da informação e comunicação no contexto das redes.

4. Análise dos dados

Partindo das categorias interatividade e aprendizagem colaborativa, para analisar os sinais e indícios da constituição de uma rede de aprendizagem, é necessário reconhecer no cenário da cultura digital que a interatividade é um conceito forte para a pedagogia, porque de acordo com Silva (2006) envolve a co-criação buscando sair da



lógica da mera transmissão. Em contra partida, nas aprendizagens colaborativas, existe o diálogo e a bidirecionalidade, rompendo, em grande parte, com a hierarquização entre professores e estudantes, ao reconhecer que esses sujeitos apresentam diferentes níveis de interatividade quando aprendem em redes compartilhando seus diferentes saberes.

Uma boa mediação pedagógica permite articular as múltiplas conexões a partir de uma determinada temática, no sentido de propiciar novos espaços e tempos de trocas, associações, oportunidades de se perceber, sentir, refletir e descobrir aprendizagens de maneira mais significativa. O desafio de pensar as redes sociais como comunidade de aprendizagem com novas sociabilidades é grande. Para isso, precisamos conhecer esses estudantes da sociedade de redes, conhecidos como nativos virtuais ou geração Z. Identificamos que ao romper com o espaço unidirecional, ultrapassando as "fronteiras", professores e estudantes planejam juntos e dão um novo tratamento aos conteúdos, contextualizando e incentivando outras narrativas possíveis para o processo de construção do conhecimento. Outro tipo de mediação que deve ser considerada é aquela mediada pelos computadores em rede, demonstrando um outro nível de relação crescente com o conhecimento. Foram revelados diversos tipos de interações entre os sujeitos da pesquisa: estudantes x estudantes; professores x estudantes; estudantes x conteúdos; escola x universidades; escola x comunidade e de maneira muito interessante, escola x tecnologias digitais, nesta constituição dessa rede colaborativa. estudantes destas turmas, a partir do tema central do projeto, levantaram questões, sempre buscando respostas e soluções para os problemas levantados. Realizaram pesquisas na web e pesquisas de campo. Planejaram coletivamente com seus professores, buscaram fontes diversas, fizeram diferentes oficinas e produziram vídeos, maquetes, programaram robôs, e também representaram, em forma de teatro, trechos da obra de Ariano Suassuna.



5. Resultados obtidos

Essa nova postura dos estudantes na forma de construir seus conhecimentos, gerou mudanças na escola. Ampliaram-se as áreas de atuação da instituição, agora representadas pelos próprios estudantes, a exemplo da imprensa mirim e do grupo de robótica educacional, que representou a escola na Campus Party Recife.

Levando em consideração os estudos de Driscoll e Vergara (1997), consideramos que ocorreu aprendizagem colaborativa, pois os resultados do trabalho em rede de aprendizagem colaborativa apresentaram as seguintes características: responsabilidade individual e em grupos; interdependência positiva dos membros para alcançar as metas e objetivos; liderança para resolver problemas; desenvolvimento das relações interpessoais para concretizar ações e mudanças efetivas e desenvolvimento dos diferentes estilos de aprendizagem.

Ao responderem a enquete, 75% dos estudantes afirmaram ter gostado de todas as atividades desenvolvidas na rede de colaboração (a utilização das Tecnologias na Educação; aprendizagem colaborativa; Interação em Rede; desenvolvimento da postura de pesquisador; atividades com robótica; pesquisa de conteúdos na web; pesquisa de campo; criação das narrativas digitais e peça teatral "Uma Mulher Vestida de Sol").

As pesquisas desenvolvidas pelos estudantes foram utilizadas por alguns professores para o processo avaliativo/curricular da escola. O perfil dos professores contribuiu para o desenvolvimento da rede de aprendizagem. Mestres e especialistas, com 4 a 20 anos de atuação na educação, idade entre 27 e 55 anos, de diferentes áreas do conhecimento. Suas expectativas foram: despertar nos estudantes o interesse pelo trabalho com projetos; a participação, colaboração, articulação e construção de aprendizagens em rede. Contaram com o apoio de uma gestão democrática. Relataram maior interesse e vontade de aprender dos estudantes; maior participação, melhora da frequência e motivação para estudar; crescimento da autonomia e da auto-estima.



Considerações finais

Redes de aprendizagens têm como inovação o uso de redes digitais para maior interatividade e construção do conhecimento de forma mais colaborativa com acesso a mais informações que podem se transformar em conhecimentos de maneira crítica, considerando a comunicação 'todos com todos' e a possibilidade de mais cocriação, autonomia e vontade de criar coisas dentro de uma multiplicidade de recursos, locais, sujeitos e linguagens. No caso específico da participação dos estudantes desta escola pública, **os sinais e indícios por eles revelados** foram de grande intensidade. Para exemplificar, trazemos a expressão utilizada por um deles em um dos vários momentos de apresentação das produções. Ao ver a apresentação de um dos participantes, comentou: “Ele tá se achando”. Esta expressão faz parte da riqueza da cultura nordestina, em especial de Pernambuco, e é usada para dizer de alguém que está se revelando “senhor de si” naquilo que está fazendo, se achando, se sentindo muito importante porque está participando e dominando determinada questão. É também sinal de que a pessoa está fazendo algo que normalmente não faz ou que não é do seu perfil fazer. Carrega também uma certa admiração pelo que está acontecendo com aquela pessoa. Ao formularem suas perguntas de pesquisa, construírem seus caminhos de aprendizagem, produzirem suas narrativas, os estudantes “saíram de si”, superaram seus próprios limites e apresentaram a todos a sua palavra (FREIRE, 2013). Eles estavam se sentindo donos do seu processo de aprendizagem.

Referências Bibliográficas

- ACIOLI, Sonia. Redes sociais e teoria social; revendo fundamentos do conceito. **Inf. Londrina**, Londrina, v. 12, N. Especial, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zara, 2013.
- DERRIDA, J. **Positions**. Paris: Les Editions Minuit, 1972.



DRISCOLL, Marcy P.; VERGARA, Adriana. **Nuevas Tecnologías y su impacto en la educación del futuro**. Pensamiento Educativo, nº 21, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 44. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **A esfera semântica**. Tomo 1: Computação, cognição e economia da informação. São Paulo: Annablume, 2014 (Coleção Atopos).

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVA, Marcos. (Org.). **Educação on-line: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

VALENTE, José Armando. As tecnologias e as verdadeiras inovações na educação. In: ALMEIDA, Elizabeth Bianconcini; DIAS, Paulo; SILVA, Bento Duarte da. **Cenários de inovação para educação na sociedade digital**. São Paulo: Loyola, 2013.